

Hora de Decidir!

(Mateus 6:19–24)

Conta-se a história de um homem contratado para descascar uma enorme pilha de batatas. O homem que o contratou lhe disse: “Depois que você descascar tudo, separe-as em três pilhas conforme os tamanhos: pequenas, médias e grandes”. Uma hora e pouco depois, o patrão foi conferir o trabalho e viu que o homem estava exausto. “Eu não tinha idéia de que descascar batatas era tão cansativo”, disse o patrão. A isso o empregado respondeu: “Descascar batatas não é difícil. Decidir sobre os tamanhos delas é que me deixou esgotado!”

Muitos de nós nos identificamos com essa história. Não gostamos de tomar decisões. Apesar disso, temos de tomar decisões e fazer escolhas todos os dias. Algumas decisões são relativamente sem importância, como o que comer no café da manhã ou o que vestir naquele dia. Outras decisões são muito mais importantes, como a profissão a seguir e com quem se casar. Essas decisões causam um impacto em nossas vidas. Mas não existe decisão tão importante quanto a de servir ao Senhor. Essa decisão afeta não só a nós mesmos, como também a nossa eternidade.

O texto desta lição é sobre decisões — decisões que mudam a vida e a eternidade. Em Mateus 6:19–24 encontramos três escolhas que cada um de nós tem que fazer.

TERRA OU CÉU? (6:19–21)

Não “na Terra”

A primeira escolha encontra-se nos versículos 19 a 21: temos que escolher entre a terra e o céu. O trecho começa com estas palavras: “Não

acumuleis para vós outros tesouros sobre a terra, onde a traça e a ferrugem corroem e onde ladrões escavam e roubam” (v. 19).

Essas palavras não visavam proibir todas as posses. Paulo escreveu que “Deus... tudo nos proporciona ricamente para nosso aprazimento” (1 Timóteo 6:17; veja também 4:4). Tampouco visavam proibir que se fizessem provisões para o futuro. Salomão louvou a formiga que armazena alimento para o inverno (Provérbios 6:6–8). Qual, então, era a preocupação de Jesus? A resposta a essa pergunta encontra-se nas palavras “para vós outros”, ou seja, “para si mesmos”: “Não acumuleis *para vós outros* tesouros sobre a terra”. John R. W. Stott fez o seguinte resumo do que Jesus estava censurando:

O que Jesus proíbe a seus seguidores é o acúmulo *egoísta* de bens... ; uma vida extravagante e luxuosa, a dureza de coração que não deixa perceber as necessidades colossais das pessoas menos privilegiadas neste mundo; a fantasia tola de que a vida de uma pessoa consiste na abundância de suas propriedades [Lucas 12:15]; e o materialismo que acorrenta nossos corações à terra”.¹

Estaria alguém pensando: “Continue pregando! Os ricos, com todos os seus tesouros, precisam dessa mensagem! Mas essa passagem certamente não serve para mim. Eu não possuo tesouros. Mal tenho para amanhã”? É verdade que a ênfase do texto está nos tesouros físicos, mas ele se aplica

¹John R. W. Stott, *A Mensagem do Sermão do Monte*, Série A Bíblia Fala Hoje. Trad. Yolanda M. Krieven, reimpressão. São Paulo: ABU Editora, 1986, p. 160.

a todos nós. Todos nós temos alguma coisa que “entesouramos”, alguma coisa que é importante para nós: nossa família, casa, emprego, uma habilidade, força física, uma boa reputação ou praticamente qualquer coisa. Clovis G. Chappell escreveu: “Nosso tesouro é alguma coisa que amamos mais do que tudo. É aquilo que mais ansiamos possuir, se ainda não o possuímos. É aquilo que mais tememos perder, se já o possuímos”². Não há nada de errado em valorizar e usufruir os tipos de bens citados acima, mas há algo de muito errado se essas coisas forem as mais importantes para nós—se o que mais nos atrair estiver limitado a esta terra.

Jesus citou várias razões para não acumularmos tesouros na terra. Primeiramente, Ele apelou para a mente, para o senso comum: “Não acumuleis para vós outros tesouros sobre a terra, onde a traça e a ferrugem corroem e onde ladrões escavam e roubam” (v. 19).

No mundo capitalista, os tesouros terrenos geralmente são depositados em contas bancárias, mas não é assim em outras partes do mundo. E com certeza não era assim no mundo antigo. Quando os magos abriram “seus tesouros” diante do menino Jesus, eles não deram a Jesus e a Seus pais dinheiro em espécie ou em cheque. Os tesouros dos magos consistiam de ouro, incenso e mirra (Mateus 2:11). (Esses itens provavelmente foram escolhidos porque, embora fossem valiosos, eram pequenos e fáceis de serem transportados ou escondidos durante uma longa viagem.)

Na época de Jesus, a riqueza de um homem poderia ser investida numa variedade de coisas, incluindo roupas, cereais, metais preciosos e jóias. Todos esses produtos podiam (e podem) ser destruídos ou roubados. *O primeiro destruidor que Jesus citou foi a traça.* Traças poderiam destruir roupas festivas caríssimas usadas no primeiro século. Traças botavam ovos em roupas guardadas e estes se transformavam em larvas comedoras de tecido. Você sabe o que é isso se já se surpreendeu em ver minúsculos buracos numa peça favorita que ficou guardada por um tempo.

O segundo destruidor é chamado de “ferrugem”. No grego, o termo βρώσις, (*brosis*) significa “comida”³. A idéia pode ser de um “comedor”. O

vocábulo se refere à ferrugem que corrói tudo que contém ferro ou à corrosão que diminui o valor de metais preciosos. O termo pode incluir ratos e outros insetos que destroem plantações em crescimento.

O terceiro destruidor que Jesus mencionou foram os ladrões que “escavam e roubam”. Na Palestina, construía-se a maioria das casas com tijolos secos e cozidos ao sol. Mesmo com as portas trancadas, certos ladrões conseguiam cavar buracos nas paredes e roubar objetos valiosos guardados nas residências. Nada estava seguro no mundo antigo. “Que bom que não é mais assim”, alguém pode comentar. “Podemos aplicar inseticida nas traças, ativar armadilhas para ratos e insetos e comprar o sistema de segurança anti-furtos mais moderno do mercado.” Todavia, depois de tomar todas as precauções possíveis, como diz Salomão, ainda é possível que as coisas que possuímos façam “para si asas, como a águia que voa pelos céus” (Provérbios 23:5). A lista de destruidores de riquezas é quase interminável:

- Enfermidade grave
- Reviravoltas nos negócios
- Perda de emprego
- Colapso econômico
- Aplicações financeiras mal sucedidas
- Desastres naturais
- Guerras

Mesmo que você seja capaz de guardar seus bens por toda a vida, um dia você morrerá (Hebreus 9:27) e terá de deixá-los para trás. Certo homem, aproximando-se da morte, converteu todas as suas riquezas em diamantes e moedas de ouro. A seguir, engoliu os diamantes e enfiou as moedas no forro do casaco que deveria usar no seu enterro⁴. Assim, seus bens foram com ele para o túmulo, mas não para o mundo por vir. As palavras de Jó parecem apropriadas a esta altura: “Nu saí do ventre de minha mãe e nu voltarei” (Jó 1:21).

João escreveu: “Ora, o mundo passa” (1 João 2:17a). Qualquer um pode olhar à volta e ver que isso é verdade—não somente a respeito de bens físicos, mas a respeito de quase todas as coisas que as pessoas entesouram na terra. A saúde vai

cionário Vine. Trad. Luiz Arón de Macedo. 7a. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2007, p. 652.

⁴Adaptado de David F. Burgess, compl., *Encyclopedia of Sermon Illustrations.* St. Louis, Mo.: Concordia Publishing House, 1988, p. 95.

²Clovis G. Chappell, *The Sermon on the Mount.* Nashville: Abingdon-Cokesbury Press, 1930, p. 179.

³W. E. Vine, Merrill F. Unger, e William White Jr., *Di-*

embora. A beleza fenece. A força se acaba. As habilidades diminuem. E aquilo que não perdemos geralmente perde sua atração ou deixa de nos satisfazer. Por isso, Jesus ordenou: “Não acumuleis para vós outros tesouros sobre a terra”, porque esses tesouros desaparecerão.

Mas “no céu”

Jesus continuou: “mas ajuntai para vós outros tesouros no céu, onde traça nem ferrugem corrói, e onde ladrões não escavam, nem roubam” (v. 20). “Não há traças, nem ratos, nem assaltantes no céu”⁵. Todos os “depósitos” no “banco do céu” são seguros. Pedro escreveu sobre “uma herança incorruptível, sem mácula, imarcescível, reservada nos céus para vós outros” (1 Pedro 1:4).

Como “acumulamos... tesouros no céu”? A ênfase do texto está em usar nossas bênçãos físicas para cumprir os propósitos de Deus. Jesus disse ao jovem rico: “... vai, vende os teus bens, dá aos pobres e *terás um tesouro no céu*” (Mateus 19:21; grifo meu). Paulo disse a Timóteo:

Exorta aos ricos do presente século que não sejam orgulhosos, nem depositem a sua esperança na instabilidade da riqueza, mas em Deus, que tudo nos proporciona ricamente para nosso aprazimento; que pratiquem o bem, sejam ricos de boas obras, generosos em dar e prontos a repartir; *que acumulem para si mesmos tesouros, sólido fundamento para o futuro*, a fim de se apoderarem da verdadeira vida (1 Timóteo 6:17–19; grifo meu)

Dizem que o que “não podemos levar conosco, podemos vender a outros”. Uma verdade semelhante é dita nos seguintes termos: “O que se guarda, sempre se perde; mas o que se dá, sempre se tem”.

Todavia, o princípio de acumular tesouros no céu não se restringe ao uso devido de bênçãos materiais. Quando colocamos Deus em primeiro lugar em tudo que fazemos (Mateus 6:33), estamos acumulando tesouros no céu. À medida que vivemos o tipo de estilo de vida descrito no sermão do monte, estamos acumulando tesouro no céu.

Por que é importante acumular tesouros no céu? Como já observamos, o primeiro apelo de Jesus foi à *mente*: os tesouros da terra são temporários. O segundo apelo foi ao *coração*, às emoções.

⁵Stott, p.156.

No versículo 21, Ele disse: “porque, onde está o teu tesouro, aí estará também o teu coração”.

Jesus poderia ter dito: “Porque, onde está o teu coração, aí estará também o teu tesouro”. Investimos tempo, dinheiro e energia naquilo que entesouramos. Todavia, Jesus estava destacando algo um tanto diferente—relacionado, porém diferente. Ele estava dizendo que se o que mais valorizamos estiver na terra, nossos corações estarão na terra. “O coração segue o tesouro, assim como o girassol segue o sol”⁶.

Certo irmão chamado Mel Stinnett comentou em uma de suas aulas bíblicas que, quando Dr. David Livingstone, missionário na África por trinta anos (1840–1873) morreu, seu corpo foi transportado de volta para a Inglaterra, mas seu coração foi enterrado na África, aos pés da árvore onde ele expirou. A seguir o professor Stinnett perguntou à classe: “Se pessoas de outro país seguissem você por um ano, onde enterrariam o seu coração? No banco do qual você é cliente, na sua casa, no seu local de trabalho, onde?”⁷

Onde estão os nossos corações? O que tem mais importância para nós? Paulo escreveu: “Portanto, se fostes ressuscitados juntamente com Cristo, buscai as coisas lá do alto, onde Cristo vive, assentado à direita de Deus. Pensai nas coisas lá do alto, não nas que são aqui da terra” (Colossenses 3:1, 2).

TREVAS OU LUZ? (6:22, 23)

A segunda escolha exposta no texto é entre as trevas e a luz. Falando sobre essa escolha, Jesus usou uma analogia que provavelmente era comum em Sua época⁸ e, por isso, de fácil compreensão para seus ouvintes. Todavia, ela não é um lugar-comum hoje em dia e nos confunde. Aqui está o que Jesus disse:

São os olhos a lâmpada do corpo. Se os teus olhos forem bons, todo o teu corpo será luminoso; se, porém, os teus olhos forem maus, todo o teu corpo estará em trevas. Portanto, caso a luz que em ti há sejam trevas, que grandes trevas serão! (vv. 22, 23).

⁶Autor desconhecido; citado em Frank L. Cox, *Sermon on Notes on the Sermon on the Mount*. Nashville: Gospel Advocate Co., 1955, p. 17.

⁷Mel Stinnett, “Choosing Your Master”, lição ensinada na igreja de Cristo Eastside, em Midwest City, Oklahoma, E.U.A., no dia 10 de agosto de 2005.

⁸Jesus usou uma analogia semelhante em pelo menos uma outra ocasião (veja Lucas 11:33–36).

A Metáfora

Jesus estava usando uma metáfora ampliada⁹, que para ser compreendida, é preciso primeiramente que se entenda o conceito em que ela se baseia. Nesse caso, é a relação dos olhos com o corpo.

“Os olhos são a lâmpada do corpo”: ou seja, os olhos fornecem luz e visão para o corpo. As imagens entram nos olhos e são transmitidas ao cérebro pelo nervo ótico. O cérebro então usa essa informação enquanto controla o corpo. Se os olhos forem bons, eles fornecerão informações precisas para o cérebro. Se, porém, forem “maus” — tendo catarata, glaucoma ou alguma deficiência visual — as informações que eles enviarem ao cérebro serão distorcidas. Se os olhos estiverem cegos, nenhuma informação será enviada ao cérebro. Os olhos são o único órgão projetado para trazer luz ao corpo; por isso, se eles estiverem obscurecidos, “que grandes trevas serão!”

A Mensagem

A relação do olho com o corpo não é difícil de se entender, mas que verdade Jesus queria comunicar referindo-se a essa relação? A chave para entendermos a mensagem de Jesus é ter em mente o contexto. Os versículos anteriores (vv. 19–21) advertem contra o acúmulo de bens materiais na terra. O versículo posterior (v. 24) trata de escolhermos Deus no lugar dos bens materiais. É plausível concluirmos, então, que os versículos 22 e 23 são basicamente sobre como vemos os bens materiais.

Eles podem aguçar nossa compreensão para avaliarmos o contraste entre as palavras traduzidas por “bons” e “maus”. “Bons” é a tradução de ἁπλοῦς (*haplous*), que, aplicado aos olhos físicos, significa “são, sadio”¹⁰. Todavia, o significado básico da palavra é “sincero”. *Haplous* é usado nesse sentido em Efésios 6:5 e Colossenses 3:22 e é traduzido por “sinceridade” em ambos os contextos. A ERAB diz “sinceridade de coração” e “single-

za de coração” nessas duas passagens. Os comentaristas geralmente falam da necessidade de se ter uma mente “sincera” em vez de “dúbia” (veja Tiago 1:8). Essa definição relaciona a analogia com a idéia apresentada no versículo 24: ninguém pode servir a dois senhores (como tenta fazer um indivíduo de mente dúbia). *Haplous* também pode ter a conotação de “generoso”. Uma forma da palavra é traduzida por “liberalidade” ou generosidade em Romanos 12:8 e 2 Coríntios 8:2.

“Maus” é a tradução de πονηρός (*poneros*), a palavra para o “mal”¹¹. Aplicada aos olhos, significa “em estado deplorável, doente”. Um fato pertinente a esta exposição é que na tradução grega do Antigo Testamento (A Septuaginta, ou LXX), a expressão “olhos maus” era às vezes usada para descrever mesquinhez. Por exemplo, observe Deuteronômio 15:9, que usa essas palavras: “...de sorte que os teus olhos sejam malignos para com teu irmão pobre, e não lhe dê nada...”. Se aplicarmos esse significado ao texto de Mateus, o contraste será entre “olhos generosos” e “olhos mesquinhos”.

Não é necessário escolhermos entre os possíveis significados das palavras traduzidas por “bons” e “maus”. Deus quer que tenhamos uma atitude *saudável* para com os bens materiais, e não uma atitude *doentia*. Devemos ter uma mente firme, determinada, em relação às coisas de Deus, sempre colocando o Seu reino em primeiro lugar (v. 33). Agindo assim, não seremos mesquinhos ao ajudar o próximo, mas a generosidade será uma de nossas características.

Hoje, ainda temos palavras e expressões que usam a terminologia “ótica”. Dizemos: “eu vejo que”, no sentido de “eu entendo que”. Falamos da importância de uma “visão” ou “ponto de vista” correto sobre a vida. Aplicando os versículos 22 e 23, poderíamos pensar nos “olhos” mencionados na passagem como o modo como *vemos* a vida e o “corpo” como quem *somos*, tudo que engloba nossas vidas.

Nossa visão geral da vida afeta todo o nosso ser. Se tivermos um ponto de vista saudável—se tivermos uma devoção sincera a Deus que nos torna generosos para com o próximo—então todo o nosso ser será, por assim dizer, cheio de luz. Por outro lado, se tivermos um ponto de vista doentio—se tivermos motivos conflitantes e uma

⁹Metáfora é uma figura de linguagem em que se faz uma comparação sem usar os termos indicadores de comparação (“assim como”, “tal qual”) Segundo D. R. Dungan, a ampliação de uma metáfora é uma alegoria [*Hermeneutics*. Delight, Ark.: Gospel Light Publishing Co., s.d., p. 258–260].

¹⁰Essa informação sobre *haplous* consta em Walter Bauer, *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*, 4a. ed., rev. e ampl. William F. Arndt e F. Wilbur Gingrich. Chicago: University of Chicago Press, 1957, p. 85.

¹¹Essa informação sobre *poneros* é de Arndt e Gingrich, p. 697.

disposição que nos torna apegados e mesquinhos—então todo o nosso ser estará em trevas. Se aquilo que deveria nos encher de luz (um ponto de vista adequado) escurecer-se, como será grande a escuridão em nossas almas!

Os escribas e fariseus estavam entre aqueles que Jesus tinha em mente. Pensavam que estavam na luz. Jesus, porém, disse que eles estavam nas trevas. Hoje, muitos se consideram “iluminados”. Não reconhecem que “habitam nas trevas... por se terem rebelado contra a palavra de Deus e haverem desprezado o conselho do Altíssimo” (Salmos 107:10, 11).

RIQUEZAS OU DEUS? (6:24)

A última escolha proposta no texto é entre as riquezas e Deus. Na realidade, é nisso que consistem todas as escolhas. Sua principal preocupação é acumular tesouros na terra? Então você está escolhendo as riquezas. Você está mais preocupado em acumular tesouros no céu? Então você está escolhendo Deus. O seu entendimento do que é verdadeiramente importante está obscurecido? Isso é um indicador de que você optou pelas riquezas. Suas prioridades são aquilo que dura para sempre? Isso mostra que você está escolhendo Deus e está cheio de luz.

A Necessidade de Escolher

Jesus enfatizou primeiramente por que é necessário escolher entre Deus e as riquezas. As palavras iniciais do versículo 24 tem sido chamadas de “uma das declarações mais memoráveis de Jesus”¹²: “Ninguém pode servir a dois senhores; porque ou há de aborrecer-se¹³ de um e amar ao outro, ou se devotará a um e desprezará ao outro” (Mateus 6:24a, b).

Alguns contestam: “Mas um homem pode ter dois empregos e trabalhar para dois chefes”. Jesus não estava se referindo a empregados, mas a *escravos*. A palavra traduzida por “servir” (δουλεύω, *douleuo*) significa “servir como um *doulos* [δούλος, ‘escravo’]”¹⁴. A. H. McNeile observou: “Pode-se trabalhar para dois empregadores, mas

nenhum escravo pode ser propriedade de dois senhores”¹⁵. R. V. G. Tasker observou que “ter um só dono e prestar serviço em tempo integral são a essência da escravidão”¹⁶.

Alguns tentaram servir a dois senhores. O Antigo Testamento diz que certas “nações temiam o Senhor e serviam as suas próprias imagens de escultura” (2 Reis 17:41; veja vv. 24–41). Hoje alguns tentam servir ao Senhor aos domingos enquanto se dedicam inteiramente ao mundo no resto da semana. Jesus, porém, disse claramente o seguinte sobre essa questão: “Ninguém pode servir a dois senhores”.

As Duas Opções

Que dois senhores Jesus tinha em mente? Conforme já comentamos, Ele estava pensando na escolha entre Deus e as riquezas. Na última parte do versículo 24, Jesus disse: “Não podeis servir a Deus e às riquezas”.

A palavra traduzida por “riquezas” (μαμωνάς, *mamonas*) é vertida para “Mamom” na ERC. “Mamom” é “uma transliteração grega da palavra aramaica para riqueza”¹⁷. Nessa passagem, o termo Mamom/riquezas¹⁸ está personificado¹⁹ como o dono do escravo. Jack P. Lewis observou: “Muitos homens são possuídos por aquilo que eles pensam possuir”²⁰. Dizem que o dinheiro é um servo bom, mas é um senhor severo. Talvez você se lembre de alguém cujos atos parecem controlados pelo dinheiro e o que ele pode comprar. Façamos, porém, uma aplicação a nós mesmos. A maioria de nós já cometeu o erro de, até certo ponto, permitir que o dinheiro controle nossa vida — talvez até sem ao menos nos darmos conta disso.

Observemos que Jesus não disse que *não devemos* servir a Deus e às riquezas, mas que *não podemos* servir a Deus e às riquezas. Trata-se de uma situação em que só é possível uma alternativa: “*ou* o indivíduo há de aborrecer-se de um e amar ao outro, *ou* se devotará a um e desprezará

¹⁵Citado em Stott, p. 158.

¹⁶Ibid.

¹⁷Jack P. Lewis, *The Gospel According to Matthew, Part I*, The Living Word Commentary series. Austin, Tex.: Sweet Publishing Co., 1976, p. 107.

¹⁸A aplicação também pode ser a qualquer coisa que entesouramos na terra (veja a lista de “tesouros” citada anteriormente nesta lição).

¹⁹“Personificação” é o recurso lingüístico em que uma “coisa” recebe o tratamento de “pessoa”.

²⁰Lewis, p. 107.

¹²Robert H. Mounce, *Matthew*, New International Biblical Commentary. Peabody, Mass.: Hendrickson Publishers, 1991, p. 60.

¹³“Aborrecer-se de” e “desprezar” são usadas aqui como palavras de contraste. Jesus só estava dizendo que não é possível dedicar-se igualmente a dois senhores.

¹⁴Vine, p. 562–63.

ao outro” (v. 24b; grifo meu). Analisemos o conflito decorrente da tentativa de se dedicar a esses dois senhores:

As ordens deles são diametralmente contrárias. Um ordena que você ande pela fé, o outro, que ande pelo que vê; um quer que você seja humilde, o outro, que seja orgulhoso; um quer que você busque as coisas lá do alto, o outro, que você se concentre nas coisas da terra; um quer que você contemple as coisas invisíveis e eternas, o outro, que você olhe para as coisas visíveis e temporárias; um lhe oferece cidadania no céu, o outro, o pó da terra; um lhe ensina a não se preocupar [demais] com nada, o outro, a estar cheio de ansiedade; um ensina a estar contente com o que tem, o outro a aumentar desenfreadamente os seus desejos; um mostra que você deve estar pronto para dar, o outro, que deve guardar tudo para si; um se importa com o próximo, o outro só se importa consigo mesmo; um busca felicidade no Criador, o outro, na criatura. Não é evidente que é impossível servir a esses dois senhores?²¹

O diabo usa as riquezas como uma ferramenta para seus propósitos malignos, e ele não se preocupa em conquistar um coração dividido, pois aquele que tenta servir a Deus e às riquezas, na verdade, já rejeitou a Deus. Deus não tolera um coração dividido. Ele disse: “Eu sou o Senhor, este é o meu nome; a minha glória, pois, não a darei a outrem” (Isaías 42:8a).

E. Stanley Jones observou: “Conseguir viver uma vida espiritual em meio a um ambiente material foi e é o eterno problema da religião”²². Um dos desafios do cristão é conseguir vencer o mundo (1 João 5:4) enquanto vive nele. Alguns tentaram solucionar o problema se distanciando do mundo, vivendo isoladamente. Essa não é a solução que Deus quer. Ele quer que permaneçamos “no mundo”, mas que não sejamos “do mundo” (João 17:11, 16)—que optemos por Deus no lugar das coisas do mundo. Assim, e somente assim, poderemos ser “o sal da terra” e “a luz do mundo” (Mateus 5:13, 14).

CONCLUSÃO

Decisões, decisões, decisões — cada um de nós tem que tomar decisões diariamente. Algumas decisões são relativamente sem importância,

²¹“Jay”, citado em Arthur W. Pink, *An Exposition of the Sermon on the Mount*. Grand Rapids, Mich.: Baker Book House, 1950, pp. 215–16.

²²E. Stanley Jones, *The Christ of the Mount*. Nova York: Abingdon Press, 1931, p. 220.

outras são de grande importância. Algumas são feitas sem muita ponderação, outras requerem todos os recursos mentais de que dispomos. Dentre todas as decisões que precisamos tomar, nenhuma é mais importante do que estas:

- Acumular tesouros no céu ou na terra.
- Ter uma visão da vida cheia de luz ou cheia de trevas.
- Optar por servir a Deus ou às riquezas.

Entendida a mensagem de Mateus 6:19–24, não será difícil tomar essas decisões. Quem não rejeitaria o que não tem valor para receber o que é imensuravelmente valioso? Quem não desejaria evitar as trevas para viver na luz? Quem não optaria por curvar-se diante de um Pai amoroso e eterno, em vez de servir às coisas decadentes deste mundo?

À luz desse trecho de Mateus, as decisões não parecem difíceis. Apesar disso, em todo o mundo, as pessoas estão diariamente tomando decisões erradas em relação a esta vida e à vida por vir. E você? O que vai decidir? Está na hora de você tomar a sua decisão!

Notas para Pregadores e Professores

Se quiser concluir esta lição com um apelo para os não cristãos se converterem a Cristo, poderá alistar decisões específicas que seus ouvintes terão de tomar. Eles podem optar por crer e confiar em Jesus (João 3:16), ou podem se recusar a aceitá-lo como Filho de Deus. Podem optar por se arrepender de seus pecados e decidir ter uma vida consagrada à vontade de Deus (Lucas 13:3) ou podem continuar vivendo do seu modo pecaminoso. Podem optar por confessar o nome de Jesus (Mateus 10:32) ou podem continuar calados. Podem decidir expressar a fé e o amor sendo batizados (Marcos 16:16) ou podem rejeitar o propósito de Deus para eles e não serem batizados (veja Lucas 7:30).

Se você programou ensinar o sermão do monte em treze lições, deverá unificar esta lição e as duas seguintes, que falam das preocupações da vida. As três podem ser estudadas juntas sob o título geral: “Colocando as primeiras coisas em primeiro lugar” (Mateus 6:33). As duas principais divisões poderiam ser “A maldição da avareza” (vv. 19–24) e “A cura da ansiedade” (vv. 25–34).